John Carter Brown
Library
Brown University

JOHN CARTER BROWN
LIBRARY

Purchased from the
Trust Fund of
Lathrop Colgate Harper
LITT. D.

1971

Sermão 25.

SERMÃO

QUE PREGOU
NA CATHEDRAL DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS.

O P. ALEXANDRE DE GVSMAM DA
Cõpanhia de IESU, Provincial da Provincia do Brasil.

NAS EXEQUIAS DO ILLUSTRISSIMO SENHOR
D. Fr. IOAM DA MADRE DE DEOS,
PRIMEIRO ARCEBISPO DA BAHIA,
Que falecco do mal commum que nella ouve neste Anno de 1686.

DEDICADO
AO EXCELLENTISSIMO SENHOR
D. ANTONIO LUIS DE SOUSA
TELLO, E MENEZES,
MARQVEZ DAS MINAS DO CONSELHO DE Sua Magestade, Senhor das Villas de Beringel, & Prado, dos Coutos de Manhente, Freiris, & Azevedo, Alcayde Mòr da Cidade de Beja, Comendador da Ordem de Christo, das Comendas de N. Senhora do Azevo, Penaverde, & Santa Marta de Vianna, & da Ordem de Santiago, da Comenda de Sinis, Governador, & Capitão General, do Estado do Brasil.

Pello Conego FRANCISCO PEREIRA Chantre na mesma Sè Cathedral, que o mandou imprimir.

LISBOA.
Com todas as licenças necessarias.
Na Officina de MIGUEL MANESCAL Impressor do Santo Officio, Anno de 1686.
A custa de Manoel Lopes Pereira, mercador de Livros.

SENHOR

FORAM tão heroicas as virtudes, q̃ reſplandecerão na Illuſtriſſima Peſſoa do Senhor D. Ioam da Madre de Deos, primeiro Arcebiſpo do Braſil: & com modeſta eloquencia, ponderadas pelo M.R. P. Alexandre de Guſmão Provincial da Companhia de Ieſu deſta Provincia, no Panegyrico das ſuas exequias; que ſe virão vencidos no diſcurſo os hiperboles, da verdade; & no aſſumpto inſuperaveis os motivos da elegancia. Naquelles actos em que preciſamente ſe nega a juriſdição ao ſilencio, com que ſò ſe encarece a dor, ſe confunde ordinariamente a diſcripção, no embaraço das excellencias, que lhe deficultão o credito. Neſte ſe acreditou tão to a admiração do que ſe ouvio, como a prudẽcia com que fallou: ſem exceder a rethorica, â realidade das excellencias, nem o ſilencio de muitas, ás ſignificaçoens da dor. Baſtava a Sua Illuſtriſſima, a gloria de V. Excellencia, & o Senhor Conde do Prado, condecorarem com a ſua preſença aquellas ultimas demonſtraçoens do noſſo ſentimento. Mas porque as ſuas acçoens, que tanto merecerão eternizarſe, ſenão ſepultem com as ſuas cinzas; me pareceo fiar ántes da eſtampa, que da tradicção, as memorias do Prelado mais digno de imitarſe, & os acertos do Orador menos poſſivelmente imitavel.

Eſte triſte obſequio que a minha obrigação conſagra ao ſepulcro de Sua Illuſtriſſima dedico eu humildemente aos affectos de V. Excellencia, por tres inſentivos, conſiderados no amor, com q̃ V. Excellencia o venerou, vivendo na magoa com que o aſſiſtio eſpirando, & na honra com que o authorizou deſpois de morto. Ainda que cuido que sò o fez differente a dignidade na individuação deſtes tres effeitos, da piedade de V. Excellencia, pois ſe humanou V. Excellencia a ſer tão commum nella pera todos, que ſendo univerſal eſta quaſi peſtilencia, de que Deos ſe ſervio não eſcapaſſe Sua Illuſtriſſima, ſe ſingulariſou V. Excellencia no ſeu exercicio de maneira, que nenhũa vez ſahio o Santiſſimo Sacra-

mento de dia,& de noite inceſſavelmente aos enfermos, que deixaſſe Voſſa Excellencia de o acompanhar; & de proporcionar a ſua grandeza as eſmollas à laſtima dos que mais, & menos neceſſitavão dellas. Por iſſo a juizo de todos, parece que quiz a divina Providencia, perſeverar daquelle dano a Voſſa Excellencia, pera que nos alentos da ſua vida reſpiraſſem da morte, quantos a haviam de padecer ao deſemparo, ſe V. Excellencia não acodira a huns na pobreza de ſuas caſas, com o remedio da ſua prodigalidade, & a outros,que as não tinhão, com a diſpoſição de dividir, pelas mais capazes de os aceitarem, o grande numero dos que não cabião no Hoſpital da Miſericordia. Foy a que V. Excellencia uzou tão eſclarecida, como he o ſangue de que naturalmente procedeo. E ficou a Bahia com as experiencias deſta nova felicidade, nos meſmos eſtragos do ſeu maior caſtigo: pois entre as perturbaçoens delle,igualou o impacientiſſimo deſvelo de V. Excellencia,ſempre activo às operaçoens da charidade,às efficacias do ſerviço de S.Mageſtade,& bem commum: vencendo as impoſſibilidades do tempo,& da ſaude pera a expedição da frota;& divertindo a eſta Republica a fome,& a careſtia de tudo o que a podia alimentar na gêral fatalidade,de que ſe via poſtrada.

Permitame V. Excellencia eſta minha reverente offenſa, ou glorioſa injuria da ſua modeſtia, em que todo eſte povo (de quem V.Excellencia foy ſempre tão amado) tem venturoſo a mais agradecida culpa. Nas ſuas acclamaçoens ſe perpetuarà a generoſidade,& beneficencia com que V.Excellencia, o tratou na ſerenidade do ſeu governo (em tudo prudentiſſimo) & neſta maligna conjuração dos Aſtros;em quanto ouver Generais no Braſil, & neſta Cidade a lembrança deſte ſeu perigo; que nunca dos maiores coſtuma ſer eſquecida.Deos guarde a Excellentiſſima Peſſoa de Voſſa Excellencia muitos annos, como eſte eſtado deſeja,& a Bahia ha miſter,& eſte menor Capellam de V.Excellencia lhe pede em ſeus ſacraficios, Bahia de Iulho 16.de 1686.

Franciſco Pereira.

Remanebit que ibi homicida, donec Sacerdos magnus moriatur; postquam autem ille obierit, revertetur humicida in domum suam. Num. 35.

O Illustrissimo, & Reverendissimo Senhor D. Ioaõ da Madre de Deos primeiro, & dignissimo Arcebispo desta Diocesi, morto em tam breves dias, quando de vida lhe desejavamos largos annos, os muitos Reverendos Capitulares do Cabido desta Santa Sè, justamente magoados, com a perda de tam bom Prelado, piamente agradecidos à benevolencia de taõ bõ Pastor, offerecem hoje estas funebres memorias, dedicão estas piedosas lembranças. Pareciame a mim, que nas exequias de hum Prelado tão eloquente, Prègador Real, Prègador de tres Reys, João no nome, & Ioão no officio, melhor fallava o silencio, que a voz, melhor declamavão as lagrimas, que as palavras; porq̃ se bem não faltavão lingoas, que o louvavão quando vivo, agora parece que faltão vozes, que o louvem quando morto. Quando era vivo o grande Ioão Baptista, prègou Christo hũa vez seus louvores ao Povo, *Cæpit Iesus dicere de Ioanne*, ou- vio depois sua morte, & logo sẽ dizer palavra se retirou a hũ dezerto: *Quod cum audisset Iesus secessit in desertum locum*; Parece, que hũa vez que Christo havia prègado os louvores do Baptista quando vivo, pedia a razão que prègasse tambem seus louvores, quando morto. O Espirito Santo diz: que não louvemos o homem em quanto vivo: *Ante mortem ne laudes hominem*, & foy o mesmo que dizer (diz S. Geronymo) *lauda post mortem*, que o louvemos depois de morto; logo se o Espirito Santo diz, que se hade louvar o morto, & não o vivo, como Christo Sabedoria Divina, trocando os têrmos, louva a Ioaõ vivo, & não louva a Ioão morto? Era Ioão Prègador Real, Prègador de El-Rey Herodes; & o que mais he, Prègador de Deos, & voz de Christo, & nas exequias de hum João semelhante, melhor fallava o silencio, que a voz; & por isso havendo prègado seus louvores, quando vivo, *Cæpit Iesus*

Math 11.

Math. 14.

Eccl. 11.

Ieſus dicere de Ioanne, calla ſuas exequias quando morto: *quod cum audiſſet Ieſus ſeceſſit inde, &c.*

Bem; mas nam fora bom dizer Chriſto quatro palavras de conſolaçam aos diſcipulos de Ioaõ, deſconſolados com a morte de tam bom Meſtre? Palavras na morte de Ioão? A morte de Ioam nam ſe celebra com palavras, celebraſſe com lagrimas, como tenho para mim q̃ Chriſto fez, & claramente ſe colhe do texto. Diz, que aſſi como Chriſto ouvio a ſeus diſcipulos, as novas da morte de Ioam, no meſmo ponto ſe retirara a hum deſerto, afaſtado da communicaçaõ da gente: *Quod cum audiſſet Ieſus ſeceſſit in deſertum locum ſeorſum.* E para q̃ he eſte retiro de Chriſto em tal ocaſiam? Para que? Para celebrar com lagrimas mais livremente a morte de ſeu amigo Ioam. Eſtimara o diſſeſte Santo Auguſtinho, ou S. Geronymo; tiro-o porèm do Evangelho. Chorou Chriſto na morte de Lazaro, & derão a razão deſtas lagrimas os circunſtantes, que as virão correr dizendo, que erão por ſer Lazaro ſeu amigo: *Ecce quomodo amabat eum.* E certamente Chriſto eſte nome de amigo deu a Lazaro morto: *Lazarus amicus noſter.* O amigo de Chriſto maior, & mais antigo, era Ioão Baptiſta, como elle meſmo ſe chamou, *amicus ſponſi*, aſſim entendem todos os Expoſitores, entendendo pello eſpoſo a Chriſto, & pello amigo do Eſpoſo a João. Logo ſe por ſer Lazaro amigo de Chriſto, *amicus noſter*, Celebra Chriſto ſua morte com lagrimas, *lacrymatus eſt Ieſus*, ſendo João o amigo de Chriſto por razoẽs maiores, *amicus ſponſi*, como he de crer, que ouvindo ſua morte, & morte tão cruel, não celebraſſe Chriſto ſua morte com lagrimas! Por iſſo digo que a razaõ de Chriſto ſe retirar a hum deſerto, afaſtado da communicação da gente no tempo que ouvia a morte de ſeu amigo Ioaõ, foy para a celebrar mais livremente cõ lagrimas, porque com lagrimas mais que com palavras, ſe devia celebrar a morte de Ioão, *Quod cum audiſſet, &c.* Por eſta meſma razão dizia eu fieis, q̃ nas exequias do noſſo João, aſſim como fallava melhor o ſilencio que a voz, aſſim melhor declamavam as lagrimas que as palavras.

Matth. 14

Ioan. 11.

Ioan. 3. Corn. ibid.

E pois que hemos de fazer? Hemos de callar, ou hemos de chorar? Callar, nam he licito; deixar de chorar não he juſto. Apontarei pois as razoens, que o tempo preſente nos offerece, & as palavras, que tomei por tema, nos deſcobrem, que ſe me nam engano, vem mui accomodadas á preſente acçam.

Mandava Deos Noſſo Senhor, que o matador ſe recolheſſe a huma daquellas Cidades de refugio, & dahi não ſahiſſe, atè a morte do Pontifice; porèm tanto que o Pontifice foſſe morto, logo o matador ſe ſahiſſe fòra da Cidade. Iſto querem dizer as palavras que tomei por te-

ma;

ma: *Remanebit que ibi homicida, donec Sacerdos magnus moriatur; postquã autemille obierit, revertetur homicida in domum suam.* Entrou Christãos, nesta nossa Cidade da Bahia este matador, ou este mal, que nos mata; & depois de haver morto em Pernambuco mais de setecentas pessoas, veyo a esta terra, & nos tem morto já outras tantas, & nam sabemos quantas ainda matarà, jà o Pontifice he morto, porq̃ jà morreo o nosso Arcebispo, o Senhor Dom Ioão da saudosa lembrança; resta agora, que o matador se và, ou que acabe este mal que nos mata. Ordenaçam era divina, que aquelle matador habitasse na Cidade, atè a morte do Pontifice: *Donec Sacerdos magnus moriatur*; tambem nam duvido, que seja ordenaçam divina, que este matador habite em nossa Cidade, atè o termo que Deos sabe; mas porque nam serâ tambem atè a morte do Pontifice: *Donec Sacerdos magnus moriatur*? Ordem era de Deos, que morto o Pontifice, logo o matador se fosse: *Postquam autem ille, obierit, humicida revertetur in domum suam*; porque nam serà tambem ordem de Deos, que este matador se và, & saya da nossa terra; pois que he jà morto o Pontifice? Num. 35

Duas cousas respondo a isto fieis; primeira que morto o nosso Pontifice, temos grande conjectura para cuidar, que este matador se và, ou que este mal que nos mata, se acabe. Segunda, que se morto o Pontifice, ainda todavia o mal continua; he final que Deos nam quer que se và porque ainda nam cessaram as causas de elle entrar. Por huma, & outra causa, temos muita razam de celebrar com lagrimas, a morte do nosso Pontifice; mas com esta distinçam, que pella primeira causa, temos razaõ de chorar sobre elle, & nòs sobre nòs; & pella segũda causa, temos razam de chorar sobre nòs, & nam sobre elle. Vamos à primeira causa.

Despois que este matador entrou na nossa Cidade, ou despois que começou este mal, que deprecaçoens publicas, & particulares senam tem feito a Deos, & a seus Santos, para que elle se và? Fizeramse Novenas diante do Santissimo Sacramento, & da Virgem Santissima; fizeramse publicas Procissoens, tomaramse por intercessores aquelles tres santos, & amigos de Deos; Saõ Sebastiam, Padroeiro da peste nos Reynos de Portugal; S. Gonçalo Portuguez, de tantos milagres, Sam Francisco Xavier, a quem tantas Cidades tem tomado por Padroeiro da peste, & o que mais admira, no tempo em que esta Cidade, fez voto de o tomar por Padroeiro; & com tudo nam sahio da Cidade este matador, porque ainda foy continuando este mal. No Paralipomenon prometeo Deos a Salamam, que mandando elle a pestilencia, sobre alguma Cidade, & seu povo arrependido fizesse oraçam naquelle templo,

plo, aonde estava a Arca de Deos com o Manà, elle do Ceo, poria os olhos sobre seu povo, & cessaria o mal: *Si misero pestilentiam in populum meum, conversus autem populus meus deprecatus me fuerit, &c. Ego exaudiam de Cælo, & sanabo terram eorum*; O Manà, não he este Divino Sacramento? a Arca de Deos, não he a Santissima Virgem? não se orou tantas vezes diante deste Manà, & diante desta Arca? como logo não acabou a pestilencia? como não cessou o mal? 2. Part. 7.

Não he de menos admiração, que tomando nós por intercessores a tres Santos tão amigos de Deos, em outros tempos tão poderosos, S. Sebastião, S. Gonçalo, & S. Francisco Xavier, agora parece que não tiveraõ poder para nos livrar. Por Ezechiel diz Deos Nosso Senhor, que se acazo elle mandar sobre alguã Cidade a pestilencia, & nessa Cidade estiverem, Noè, Daniel, & Job, Santos grandes seus amigos, não serião poderosos, para livrar com suas intercessoens, nem ainda seus proprios filhos: *Si immisero pestilentiam super terram illam, & Noè, & Daniel, & Iob fuerint in medio ejus, vivo ego dicit Dominus Deus, non liberabunt filium, aut filiam*; notavel argumento da justa indignação de Deos. Noè, de quem testifica a Escritura, que achàra graça nos olhos de Deos, *Noé invenit gratiam coram Domino*? Daniel, cuja oração foi poderosa pera fechar as bocas vorazes dos Leoens famintos: *Misit Dominus Angelum suum, & conclusit ora Leonum*? Iob, cujas oraçoens o mesmo Deos solicitou pera perdoar áquelles tres amigos insolentes: *Ite ad servum meum Iob, & servus meus Iob orabit pro vobis*? Tres Santos tão amigos de Deos, tão poderosos em outros tempos com suas oraçoens, agora diz Deos, que não hade ouvir, que não seraõ poderosos para livrar com suas intercessoens, nem ainda a seus proprios filhos: *Non liberabunt filium, aut filiam*? Notavel argumento, torno a dizer, da justa indignação de Deos! O mesmo nos succedeo a nós Christaõs, com os nossos Santos; a tres Santos tão milagrosos, tão amigos de Deos, taõ poderosos em outros tempos, naõ ouve Deos agora, para q̃ este mal se vá, ou para q̃ este matador saia da nossa Cidade? Que heide dizer senaõ que tem Deos determinado, que este matador habite na nossa Cidade atè a morte do nosso Pontifice: *Manebit que homicida donec Sacerdos magnus moriatur*? Pois já o nosso Pontifice he morto, podemos esperar, que seja tambem ordenaçaõ de Deos, que elle se vá, porque ordenaçam era de Deos, que morto o Pontifice, se sahisse da Cidade o matador, *postquam autem, &c.* Exech. 14. Gen. 6. Dan. 6. Tob. 42.

E se isto assim for Christãos, quam justificadas causas temos de celebrar com lagrimas suas exequias? Basta que para levantar Deos a mão do castigo, que tem merecido nossas culpas, naõ bastaõ as intercessoẽs

cessoens de tres Santos taõ grandes, & que haja de morrer para isso o nosso Pontifice? Hum Prelado de tantas prendas, taõ affavel, taõ cortes, taõ benigno, em fim manso, & humilde de coraçaõ, hade morrer, para que todos naõ morramos? Assim se hade comprir em nosso Pontifice, o que do Pontifice Summo profetizou Annas: *Expedit ut unus homo moriatur pro populo ne tota gens pereat*, que importava morresse hum, para que naõ morressem todos? Hum Prelado, que se o cõsiderarmos, segundo os dotes da natureza, foy de hum engenho raro, Prègador de tres Reys, Mestre jubilado, Examinador das tres Ordens Militares, Censor dos livros que se ham de imprimir; Guardiaõ do Convento de Lisboa, & Coimbra, Provincial da mesma Provincia, & Visitador Geral da Provincia dos Algarves? Se o considerarmos segundo os dotes da graça, lease o capitulo terceiro da primeira Epistola de S. Paulo à Timotheo, & achareis nelle em algum grao todas aquellas virtudes, que o Apostolo desejava em hum Bispo perfeito, *Ioan. 28.* *1. ad Tim. c. 3.* *Vnius uxoris virum, sobrium prudentem, ornatum, pudicum, hospitalem, doctorem; non vinolentum, non percussorem, sed modestum; non litigiosum, non cupidum, sed domui suæ bene præpositum, filios habentem subditos cum omni castitate.* Discorrei brevemente por todas.

Quanto ao primeiro dote, *unius uxoris virum*, esposo de huma sò esposa, entende S. Ambrosio, que o Bispo naõ hade ter pensamentos de passar a outro Bispado; nam faltou quem tivesse este pensamento do nosso Arcebispo; mas he certo, que nem por pensamento lhe passou; chegaraõlhe aos ouvidos estas vozes, & respondeo, que a sua viagem havia de ser para a sepultura, & esperava que o seu Reyno, seria o do Ceo. Longe estava de pretender outro Bispado, o que de continuo suspirava pella sua cella. S. Pedro Celestino, que de Monge havia subido ao trono Pontificio, não achando socego no Palacio, de cõtinuo suspirava pella sua cella, que succedeo? Renunciar o Pontificado, & fazer decreto, que possa fazer o mesmo qualquer Summo Pontifice. Mal se pòde logo presumir que aspirasse a Pontificado mayor, o que de continuo suspirava pella cella. *Dedig. Sæc. cap. 4.*

Quando S. Pedro Apostolo se vio no socego do Tabor contemplãdo a gloria de Christo transfigurado, & levado daquella gloria, ou daquella quietaçaõ, pedio ao Senhor licença para fabricar alli tres cellas, & ficarse alli com elle para sempre: *Bonum est nos hic esse, si vis faciamus hic tria tabernacula*; estes pensamentos de Pedro, a primeira vista tam louvaveis, avaliou S. Lucas por ignorancias: *Nesciens quid diceret*; E porque ham de ser ignorancias huns pensamentos taõ santos? Por vẽtura que seja o que hum Autor sente, tirando-o de Abulense, que Sam *Mat. 18.* *Luc. 9.* *Sylv. ex Abul. q. 72.*

Pedro como estava já eleito Pontifice, falava aqui como tal, *Petrus hic loquebatur ut Pontifex*, & devia Pedro ter os pensamentos na obrigação de sua Igreja, & não na contemplaçaõ do Tabor; devia attender â acçaõ de Bispo, & não á contemplação de Monge. Bem, & pois nam podia Pedro muito bem ter hum, & outro pensamento? Não podia mui bem ter o pensamento na cella de Monge, & mais no Palacio de Bispo? Nam podia lembrarse muito bem do Pontificado de Roma, & mais da cella do Tabor? Não he possivel, não se compadecem esles pensamentos; & se Pedro a isso se persuadia; se Pedro cuidava estar em Roma Papa, & Monge no Tabor, era este mui nescio pensamento: *Nesciens quid diceret*, & se alguem assi o cuidasse de Pedro, tambem merecia como Pedro a mesma nota de nescio, *nesciens quid diceret*; porque semelhantes pensamentos assi como sam faceis de pronunciar aos ignorantes, sam mui difficultosos de crer aos prudentes; parece, que estou entendido. Se os pensamentos nosso Prelado eram das cellas do Tabor, como podiaõ ser pensamẽtos do Pontificado de Roma? Se de contino suspirava pella cella, como podia anhelar a maior Bispado? Se isso era assim, ou se assim alguem delle o presumio, bem fóra de razão vão semelhantes pensamentos, *nesciens, &c.*

Quer S. Paulo o Bispo Sobrio, *Sobrium*. A sobriedade he hũa virtude, que modera as demasias do copo; assim como a abstinencia he huma virtude que tempera as demasias do prato. O nosso Prelado como he notorio, comia por onças, & no vinho nam tocava; por isso acrescenta o Apostolo, que não hade ser o Bispo amigo de vinho, *non vinolentum*. Ao mesmo S. Timotheo permitia S. Paulo, uzar de hum pouco de vinho, *utere modico vino*; porem o nosso, nem pouco nem muito. Não cuideis Christãos, que he pouca prova de santidade, a sobriedade do vinho; não digo que nisso consiste a santidade, mas digo que he della grande final, & grande meyo para ser santo. Por final de grande santidade que havia de ter o menino Joaõ, disse o Anjo a seu Pay Zacarias, que naõ havia de tocar o vinho, ou cousa semelhante, *vinum, & siceram non bibet*. Por meyo principal que o Anjo deu ao Pay de Samsam pera a santidade do filho que havia de nascer, foy o mesmo de não tocar o vinho, porque perguntando Manuè ao Anjo, que havia de fazer o filho para ser santo, *quid vis faciet puer?* Respondeo, que nam tocasse o vinho, ou cousa semelhante, *vinum, & siceram non bibat*. E pois nisso consiste a santidade, não tocar o vinho? Não dizem isso os Anjos, mas dizem que he final de santidade, & que he meyo para ser santo, *vinum non bibet*, disse o Anjo de Ioaõ, *vinum non bibat*, disse de Sansão o Anjo, E se esta virtude se achou em nosso Pontifice em tam alto grao, assim

sim como nelle podia ser meyo para ser santo, porque não poderà ser final de Sua Santidade.

Diz mais o Apostolo, que hade ser o Bispo prudente, *prudentem*. Quem pòde duvidar da prudencia, do que soube govarnar, sessenta & sinco Conventos de Religiosos,& Religiosas da sua Ordem,sem queixas,sem odio,sem invejas,sem façoẽs? Admira a prudencia de Salamam, em compor a contenda de duas mulheres, sobre huma pretençam, *audivit hoc Israel,&c. videntes sapientiam Dei esse in eo*, que prudencia tam singular he necessaria para compor sem queixa, as pretençoens de tantas molheres, quantas sam as Religiosas, que governa hũ Provincial de S.Francisco em Portugal. 3.Reg.3.

Porem mayor sem comparação, foy a prudencia com que governou Arcebispo. E em que esteve essa prudencia? Esteve na mansidam com que governou, na brandura com que acabou, o que sòmente cõ o rigor se acaba. Venceo cóm a palavra, o que outros com a espada não vencem, porque acabou com amoestação, o que outros náo acabão com a censura, que he a espada da Igreja; & esta he a prudencia, que Christo quer nos seus Bispos. Quando Christo mandou os primeiros Bispos da Igreja, fazer seu officio pello mundo, disse que os mandava como ovelhas entre lobos, *Ecce ego mitto vos, sicut oves inter lupos*, parece,que para governar homens lobos, mais apropósito era a fortaleza de Leão, que a mansidão de ovelha;diga logo Christo,eu vos mando como Leoens; & não,eu vos mando como ovelhas, *sicut oves* Assim o dictava a prudencia humana, mas não a de Christo; a prudencia de Christo, não he governar os homens feroz com fereza de Leão, senão com mansidão de ovelha, esta he a prudencia que Christo quer, como logo clara,& expressamente explicou, porque assim como disse aos Apostolos, que fossem como ovelhss entre lobos, logo, immediatamente tirou por conclusaõ, que fossem prudentes como a serpente, *Stote ergo prudentes sicut serpentes*, como se fosse o mesmo, governar os feros com mansidão de ovelha,que governar os rebeldes com prudencia de serpente, *sicut oves,sicut serpentes*. Mat.10. Mat.10.

Quem pode ignorar a mansidão, com que o nosso Prelado governou? Quantas censuras fulminou em tres annos, que foy Arcebispo; estrondosas, nem huma sô,particulares, mui poucas. Pois quem pòde negar que tinha prudencia de serpente, tendo a mansidão de ovelha? A censura, he a espada da Igreja; no Bispo prudente a censura he a palavra, porque no Bispo prudente, he a espada a palavra; assim o revelou Christo a S. Ioão no Apocalypse. Vio hũa misteriosa imagem, q̃ entre outros misterios, tinha na boca huma espada, *& de ore ejus gladius.* Apoc. 1.

dius. Todos os Expositores Sagrados dizem, que nesta figura, ou fosse o mesmo Christo, ou fosse algum Anjo, quiz Deos significar a Ioam, qual havia de ser o Pontifice na vida, & no governo; & porque razam hade ter a espada na boca, & nam em a mam? o lugar da espada he a mam, & nam a boca; a boca he lugar da palavra, & nam da espada; como logo tem a espada na boca, & nam na mam? Nam he esta figura de hum Bispo Santo na vida, & prudente no governo? A espada da Igreja, nam he a censura? Pois quiz significar Christo a Joam, que no Bispo Santo, & prudente, a censura he a palavra, porque no Bispo Santo, & prudente, a palavra he a espada, *de ore ejus gladius*; quem ignora, que a espada da censura, que o nosso Prelado, commummente maneava contra os rebeldes, era a palavra com que os rendia? A palavra era a sua espada, porque a palavra era a sua censura; para a qual nam era tam apropósito a força de Leam, como a mansidaõ de ovelha, em que Christo cólocou a prudencia dos primeiros Bispos, como ovelhas na mansidam, para serem na prudencia como serpentes, *sicut oves, sicut serpentes*.

Quer mais S. Paulo o Bispo ornado, *ornatum*, ornado no habito, como atraz explicou, *in habitu ornato*; & se preguntares, que cousa seja habito ornado, responde S. Basilio, que he o habito acomodado com o decoro, & com a dignidade; com o decoro da pessoa, & com o excelente da dignidade, *acomodatus cum decoro, & dignitate*. O habito da pessoa do nosso Arcebispo, foy sempre o de seu Padre S. Francisco, o habito da dignidade, foram os mais ricos Pontificaes, que nenhum Prelado teve no Brazil. E pois avalia S. Paulo por virtude, o que a primeira vista parece vaidade? Senam fora virtude, não o desejara S. Paulo no Bispo Catholico, *ornatum*. Porque assim como escolher para ornato da pessoa, o habito mais humilde, he virtude religiosa, assim o procurar para ornato da dignidade, o Pontifical mais precioso he virtude da Religiam, porque he ornamento pertencente ao culto divino, & honra do mesmo Deos. Lede o capitulo 39. do Exodo, & vereis a Moyses todo ocupado por ordem de Deos, a preparar o Pontifical do Summo Sacerdote todo de seda, & ouro, ornado de toda a sorte de pedraria; & pois nisso se ocupa Deos, & nisso se ocupa Moyses? Si, que he pera o culto divino, & honra do mesmo Deos, & he virtude da Religiam procurar, que as vestes pertencentes ao culto divino sejam as mais ricas, & mais preciosas que podem ser.

De Reg. brev. inter. 210.

Exod 39.

Quando Christo se transfigurou no Tabor, nam sómente se refundio aquella gloria em seu corpo, mas tambem se communicou as suas vestiduras, que ficavão alvas com a neve, *vestimenta ejus facta*

Mat. 18.

sunt

sunt alba sicut nix. Os effeitos daquelles quatro dotes glorioſos, q̃ neſta ocaſiaõ trãsfiguraram a Chriſto, nam ſam glorificar, & afermoſear as veſtes, ſam glorificar, & afermoſear os corpos, he Theologia, & doutrina de Sam Paulo, *surget corpus ſpiritale, surget in gloria, &c.* Como logo aqui a gloria de Chriſto no Tabor, nam ſò ſe communica ao corpo, mas tambem ſe communica âs veſtiduras, *veſtimenta ejus?* O meſmo Sam Paulo deu a razam: *Chriſtus non ſemetipſum clarificavit, ut Pontifex fieret, ſed qui loquutus, & ad eum, filius meus es tu;* conſtituira o Eterno Padre a Chriſto neſta transfiguraçam Pontifice de ſua Igreja com aquella voz, que do Ceo ſe ouvio: *Hic eſt filius meus dilectus,* como o meſmo S. Pedro, que a ouvio teſtifica, *accipiens á patre honorem, & gloriam, voce de lapſa;* & quiz o Eterno Padre moſtrar que a gloria do Pontifice, nam hade eſtar ſò na alma encerrada, mas que tambem ſe ha de communicar ao corpo, nam ſò ſe hade communicar ao corpo, mas que tambem ſe hade refundir nas veſtiduras, porq̃ nam ſò a gloria do corpo, mas tambem a gloria das veſtiduras, fazem a hum Pontifice glorioſo, *transfiguratus eſt, veſtimenta ejus, &c.* E ſe eſte he o ornato que S. Paulo queria no Pontifice, *ornatum,* quem pòde negar no noſſo Pontifice eſta virtude, que eſcolhendo para ſua peſſoa o habito mais humilde, procuraſſe para ſua dignidade, o Pontifical mais precioſo.

1. *Corinth. cap. 15.*

Heb. 2.

2. *Petr. 1.*

Diz mais Sam Paulo, que hade ſer o Biſpo Prègador, aſſim entendem a palavra *Doctorem.* O Concilio Tridentino diz, que a principal obrigaçam do Biſpo, he o prègar: *Prædicationis munus, quod Epiſcoporum præcipuum eſt.* O noſſo Prelado, nam foy ſò Prègador, mas Prègador Real; nam ſò prègou Arcebiſpo, mas as vezes, que vimos, & admiramos, & entam mereceo melhor a dignidade de Arcebiſpo, quando melhor exercitou o officio de Prègador. Aſſim no Tabor, como no Jordam, ſe ouvio aquella voz do Eterno Padre, em que reconhecia a Chriſto por Filho: *Hic eſt filius meus dilectus,* diſſe no Iordam, *Hic eſt filius meus dilectus,* diſſe no Tabor; com tudo, como diz Sam Paulo; no Tabor conſtituio o Eterno Padre a Chriſto Pontifice da Igreja, & nam no Jordam; pois ſe a forma das palavras foy a meſma, porque nam obram no Jordam o meſmo effeito, que no Tabor? Porque nam hade ſer Chriſto, Pontifice no Jordam, & hade ſer Pontifice no Tabor? Eſtà muito clara a razam: porque no Iordam, nam tinha Chriſto ainda o exercicio da Prègaçam, ſe bem ſe preparava para iſſo com aquella humildade; porem no Tabor já tinha Chriſto o exercicio de Prègador, por tres annos; por iſſo na forma das palavras com que o Eter-

Trid. ſeſſ. 24 c 4.

Mat. 3.

nõ Padre o constituio Pontifice, lhe fez logo o auditorio como a Prègador, *ipsum audite*, o que não fizera no Jordão, para nos ensinar, que então se merece melhor a dignidade de Pontifice, quando melhor se exercita o officio de Prègador. E se o nosso Prelado, não so foi Prègador, mas Prègador Real, não só prègou sendo Arcebispo, mas as vezes que vimos, & admiramos, quam bem merecido teve com a dignidade de Pontifice, o titulo de Prêgador, *Doctorem*.

Quer S. Paulo o Bispo amigo dos pobres, & peregrinos, *Hospitalem*. Sabida he entre os Juristas, & Theologos a obrigação, que os Bispos tem de repartir aos pobres, tudo o que lhes resta de sua congrua, & honesta sustentação, o qual se entende dos que comem rendas da Igreja, & não dos que só tem huma congrua, como saõ os Bispos ultramarinos; donde se segue, que os que forem amigos da pobreza saõ dignos de mayor louvor. O nosso Prelado todos os Sabbados dava esmola a mais de duzentos pobres; pello discurço do anno fazia esmolas secretas, não poucas. Nas sestas feiras mayores, dava de vestir aos pobres, a quem lavava os pès; despachava todas as petiçoens de esmolas, & perdoens, a que a justiça, & a piedade davão lugar.

De sua modestia, como quer o Apostolo, *modestum*, quem póde duvidar? Só quando lhe chegavão o coxim para ajoelhar, ou lhe aratavão a cadeira para se assentar, se indignava. Nunca se assinou Dom Joam; a muitos moradores visitou, contra o que uzão os Prelados mas soberanos, & hé o que em primeiro que tudo admirou S. Ambrosio, na visita da Virgem Santissima a Santa Isabel, *superior venit ad inferiorem*. Os seus criados poz sempre à sua meza como amigos, nam como criados; forão as duas demonstraçoens de Christo para com os seus, sentallos à sua meza, *ut edatis, & bibatis super mensam meam*, & telos em conta de amigos, & não de criados, *non dicam vos servos, sed amicos*. A estes teve sempre como o Apostolo queria, *subditos cum omni castitate*; porque bem notoria he a sojeição com que criou a sua familia, & quanto nella zelou qualquer sombra de menos pureza.

Lib. 2. in Luc. c. 1.

Luc. 22. Ioan. 15.

Quer mais S. Paulo, que não seja o Bispo litigante, ou demandista, *non litigiosum*. Longe estava de ser demandista, o que não poucas vezes cedeo de seu direito, por escusar demandas, o que foy tão liberal de sua jurisdição. E sendo assim, que por direito divino saõ as mitras sobre as coroas, & sobre os cetros os bagos, com aquelle excesso, com que o sagrado excede ao profano, & o eterno ao temporal, elle por escusar demandas, sojeitou algũa vez o bago ao cetro, & a coroa á mitra.

Mandou Christo a S. Pedro, que lançasse a linha ao mar, & a moeda

da que viesse na boca de hum peixe tirasse, & desse pello tributo, que injustamente lhe pedião. *Alite hamum, & eum piscem, qui primus ascenderit tolle, & aperto ore ejus invenies stateram, illum summens da pro me, & te.* Mat. 17. Que m não vè neste milagre o empenho que Christo faz dos dois mayores attributos de sua divindade, o poder, & saber? Se Christo, & Pedro erão izentos de tributos, como o mesmo Christo disse: *Ergo liberi sunt filij*, para que empenha Christo seu poder, & saber, assim de pagar o tributo que nam deve? Para que? para escusar contendas, em materias de izençoens, que de ordinario senaõ acabão sem litigios; & Christo nam queria, que os primeiros Bispos de sua Igreja fossem demandantes, ainda que para isso fosse necessario, ceder de seu direito.

Diz ultimamente S. Paulo, que nam ha de ser o Bispo cobiçoso, *non cupidum*. Longe esteve de cobiçoso, o que em vida nada quiz, & na morte nada teve. Em vida nada quiz, o que sendo Provincial recebeo largos benesses, que tem os Provinciaes de sua Ordem? O que sendo Arcebispo recebeo as offertas que se devem aos Arcebispos? Si, & torno a dizer, que em vida nada quiz, porque de todos esses benesses, de todas essas offertas, nada queria para si, porque tudo dispendia nas obras dos Mosteiros, tudo nos palacios Arcebispaes. *Quid mihi est in cælo, & á te quid volui super terram:* dizia El-Rey David com toda a verdade a Deos, Senhor, que tenho eu no Ceo, & na terra, que quero fóra de vós? Que diga David com verdade, que no Ceo nada tinha, concedo; porque ainda naquelle tempo, naõ estava no Ceo a humanidade de Christo, que era do sangue, & descendencia de David; mas q̃ diga David com verdade, que da terra nada queria, sendo hum Rey, que ajuntou tanto ouro, que conquistou tantas terras? Si, & cõ muita verdade; porque esse ouro nam o queria David para si, senam para o templo de Deos, que Salamam seu filho edificou, essas terras conquistadas, nam as queria para si, senam para o Reyno de Israel, que amplificou para gloria do mesmo Deos, & ajuntar, & conquistar desta sorte, he o mesmo, que naõ querer cousa algũa nesta vida, *& á te quid voluisuper terram?* Ps. 72.

E se na vida nada quiz, tambem na morte nada teve; na morte nada teve morrendo Arcebispo? Si, & torno a dizer, que na morte nada teve; porque poucos dias antes de morrer, por publica escritura, fez doaçam de tudo quanto tinha. Bem podera o nosso Arcebispo haver licença do Summo Pontifice, para testar na morte como costumam outros Arcebispos Regulares; porem não quiz, porque queria morrer, como Religioso pobre, & não como Arcebispo rico. Esta distinção ha entre o testamento, & a escritura, entre vivos, que o testamento para valer

ler he neceſſaria a morte do teſtador, antes da morte nada val, he texto de Sam Paulo, *ubi emm teſtamentum eſt, mors intercedat neceſſe eſt teſtatoris*; o que nam tem a eſcritura, que logo antes da morte tem valor, & logo faz perder todo o dominio da couſa que ſe dà; de ſorte, que quem morre com eſcritura de doaçam morre pobre, nada tem quando morre; o que morre com teſtamento, ainda morre rico, ainda morre ſenhor do que tem; pois eis aqui o que fez o noſſo Prelado, nam quiz morrer com teſtamento, por nam morrer ſenhor; quiz morrer com doaçam, por nam morrer rico, & com verdade ſe póde dizer, que na morte nada teve, porque em todo o rigor de direito, já antes de morrer nada tinha. Poucos dias antes de morrer El Rey David, mandou ao Profeta Natam, que ungiſſe, & aclamaſſe por Rey, a ſeu filho Salamam; feito aſſim o Profeta, & foy Salamam do povo aclamado Rey de Iſrael; & para que, ſe eſſe nam he o direito das gentes? O direito das gentes he, que Rey morto, Rey poſto, que morra David primeiro, & depois de morto David, ſeja Salamam aclamado Rey; porem David como Santo, nam duvidou privarſe do Reyno, & com elle de tudo o mais quanto poſſuhia para poder dizer com verdade, que na morte nada teve, aſſim como com verdade diſſe, que na vida nada quiz, *& á te quid voluit ſuper terram?* Iſto fez David, & iſto meſmo fez o noſſo Arcebiſpo; & muy longe eſteve de ſer cobiçoſo, *cupidum*, o que iſto fez, o que em vida nada quiz, & na morte nada teve. Havendo ſido pois o noſſo Arcebiſpo tal, qual Sam Paulo deſejava foſſe hum Biſpo mui perfeito, como vimos, *unius uxoris virum, ſobrium, &c.* Que razam ha de ſentimento, que para naõ morrerem os demais, foſſe neceſſario, que hũm tal Pontifice morreſſe? Que para ſahir da noſſa Cidade eſte matador, que nos acaba, eſperaſſe Deos, que o noſſo grãde Sacerdote morreſſe, *donec Sacerdos magnus moriatur.*

Hebr.9.

3.Reg.1.

Porem ſe iſto aſſim na he, Chriſtãos, ſe morto o noſſo Pontifice, ainda eſte matador nam ſahir da Cidade, porque ainda o mal continua, temos fundamento para cuidar, que ainda Deos nam quer que ſaya, porque ainda as cauſas de elle entrar duram. Eu ſey que em Pernambuco, entrou eſte matador, & que morrendo o ſeu Pontifice eleito, elle nam ſaio, porque ainda o mal continuou. Pois porque nam podemos temer o meſmo? Se nòs ſomos cumplices nos meſmos delitos, porque nam temeremos ſer punidos com os meſmos caſtigos? No tempo em que os fieis vendiam ſuas herdades, & punham o preço dellas aos pès dos Apoſtolos, Annanias vendendo certo campo, reſervou para ſi certa quantidade, & o reſtante poz aos pès de Sam Pedro. Perguntoulhe o Apoſtolo, por quanto vendera o campo? Mentio elle no

pre-

preço, & por este peccado ficou logo alli morto de repente. Veyo dahi a pouco sua mulher Saphyra, fezlhe S. Pedro a mesma pergunta, & respondeo ella com a mesma mentira; entam deu S. Pedro contra ella esta terrivel sentença: *Ecce pedes eorum, qui sepelierunt virum tuum ad ostium, & efferent te*; ahi estam já á porta os que levaram a enterrar teu marido, esperando por ti para te levarem à sepultura; & foy assim. Não reparo já neste tam repentino, & grave castigo destes dous cazados, por falta ao parecer tam leve, posto que nam faltava a i que reparar; só reparo, que estando ainda Saphyra viva, estejam já os da Misericordia com a tumba á porta, esperando para a levar a enterrar, *ad ostium, efferent te*. Que venha a tumba buscar a Annanias, que está morto, obra he de Misericordia enterrar os mortos; mas que venha buscar a Saphyra, q̃ está viva, parece temerario pesamẽto? Porẽ naõ foi senaõ mui acertado juizo. Pecou Saphyra o mesmo peccado de Annanias, foy Annanias castigado por essa culpa, com a morte apressada; pois fizeraõ de conta esses enterradores, que havia de ser castigada com a mesma penna. Morreo Annanias por mentiroso, porque nam hade morrer Saphyra por mentirosa? Foy sepultado Annanias, porque não hade ser sepultada Saphyra? Porque onde saõ as culpas as mesmas, he justa justiça de Deos, que sejam os mesmos os castigos; por isso havendo levado à sepultura a Annanias: *Qui sepelierunt virum tuum*, tornam a esperar por Saphyra com a tumba: *ad ostium, & efferent te*. Se as culpas da Bahia, saõ as mesmas que as de Pernambuco, porque nam temeremos nós que sejam os castigos os mesmos? Pernambuco, morto o seu Pontifice, ainda he castigado, porque ainda o mal continuou a matar; a Bahia, morto o seu Pontifice, como não temerá o mesmo castigo, como nam temerá tambem, que o mal continue.

E pois quanta razão temos de celebrar com lagrimas, & exequias do nosso Pontifice? Morto o nosso Pontifice, tinhamos grandes esperanças de que este mal acabasse; pois Deos Nosso Senhor mandava, q̃ morto o Pontifice, se saisse da Cidade o matador, *postquam autem, &c.* Porem vendo que morto elle, o matador nam se vai, temos muita razam para cuidar, que nam quer Deos, que se vá, porque quer, que ainda dure o castigo. Por hũa, & outra causa dizia eu, q̃ tinhamos muita razam de chorar; mas com esta distinçam, que pella primeira causa, temos razam de chorar sobre elle, & nam sobre nós; pella segunda causa temos razam de chorar sobre nós, & nam sobre elle. Illustremos hũa, & outra cousa com a divina Escritura.

Morreo Aram, primeiro Summo Sacerdote do povo de Deos, & diz a Escritura, que chorava sobre elle todo o povo, por espaço de trin-

ta dias: *omnis autem multitudo videns oecubuisse Aaron, flevit super eo triginta diebus:* Não diz que choraram sobre si, senam, que choraram sobre elle, *flevit super eo.* E porque nam choraram tambem sobre si, na perda de hum tam grande, & tam benemerito Pôtifice, como Aram? Na causa da morte de Aram, está a razaõ: disse a o mesmo Deos a Moyses: *Eo quod incredulus fuerit mihi ad aquas contradictionis;* E foy o caso, que rebelandose o povo de Deos contra Moyses, & Aram pella falta de agua, que padecia, acodiraõ elles a Deos, Deos mãdou q̃ fallassem a hũa pedra, & que ella daria agua, *Loquimini ad Petram;* Elles com algũa desconfiança, que a pedra ouvesse de dar agua, em lugar da palavra feriram a pedra com a vara: *Percutiens bis silicem;* por esta desconfiança, pois manda Deos, que morra Aram, *eo quod incredulus fuerit mihi ad aquas contradictionis.* Muitos dos Expositores Sagrados dizem, que este peccado de Aram foy sò venial, porque sò foy huma desconfiança leve, de poder dar a pedra agua; foy porem mortal o peccado do povo, porque foy huma rebelleam gravissima contra Deos, & seus servos. Pois se o peccado de Aram foy leve, & o peccado do povo foi grave, como morreo Aram, & fica o povo vivo? Esta cõsideraçam sem duvida, cavou os animos daquelle povo, para fazerẽ esta justa cõsideraçiõ: o nosso Pôtifice morre, & nòs ficamos vivos! Elle sò venialmẽte peccou, & nòs gravissimamente peccamos, & com tudo Deos mata a elle, & nam a nòs! A elle por pouco, & nam a nòs por muito! Oh quãta razam temos de chorar sobre elle, *flevit super eo?* Por ventura, nam sam maiores nossos peccados, do que podiam ser os de hum Pontifice tam Religioso como o nosso? Pois se para nòs vivermos morreo elle, porque para acabar o mal que nos mata, esperou Deos, que elle morresse, quanta razam temos de chorar sobre elle, & nam sobre nòs? Devemos chorar como choraram os do povo de Deos, na morte do seu Pontifice, nam sobre si, senam sobre elle, *flevit super eo.*

Num. 20.

Aug. ibi. q. 53.

Porem se morto o nosso Pontifice, ainda o mal continua em matar, temos muita razam de chorar sobre nòs, & nam sobre elle, porque he sinal, que ainda entre nòs fica a causa do castigo. *Filiæ Hyerusalem nolite flere super me, sed super vos ipsas flete, & super filios vestros,* dizia Christo áquellas piedosas mulheres, que com as lagrimas nos olhos o seguiam para o Calvario; filhas de Ierusalem, nam choreis sobre mim, mas chorais sobre vòs, & chorai sobre vossos filhos. Porque nam haviam de chorar sobre hum espectaculo tam digno de lastima, como Christo hia com huma Cruz às costas para o martyrio? O mesmo Senhor deu a razam; *Quoniam ecce venient dies, in quibus dicent: beatæ steriles, & ventres, qui non genuerunt;* via o Senhor,

Luc. 23.

que

què morto elle ainda ficava sobre todos o castigo, que estava prevendo, *ecce venient, &c.* Pois razam tinham de chorar sobre si, & nam sobre elle. *Nolite flere super me, sed super vos.* Se morto o nosso Pontifice, ainda o castigo fica sobre nòs, razam temos de chorar sobre nós, & nam sobre elle, & com a mesma razam que Christo, ás filhas de Ierusalem, nos poderia dizer a nòs o nosso Pontifice, *nolite flere super me, sed super vos flete.*

Estas sam razoens commuas, & que a todos nos tocam; porem nòs os Religiosos, ainda temos sobre estas, & outra razam mui particular de celebrar com lagrimas, as exequias deste Illustrissimo Prelado; o amor com que amava todas as familias Religiosas. Nòs os da Companhia de Iesus eternamente confessaremos este amor. Nosso Reverendo Padre Geral, sendo informado do amor, com que este Prelado amava nossa Companhia, lhe mandou de Roma a carta de participaçam de todas nossas boas obras, a qual senam costuma mandar senaõ aos grandes amigos. Pois quanta razam temos de sentimento os da Companhia. Lembrame, que querendo Christo, dar aos de sua cõpanhia as novas da morte de Lazaro, o fez com estas notaveis palavras: *Lazarus amicus noster dormit*, Lazaro nosso amigo dorme, & porque elles nam entenderam á fraze, lhes disse o Senhor claramente, como Lazaro era morto, *tunc dixit illis manifestè, Lazarus mortuus est.* Notai, que quando chama a Lazaro amigo, *amicus*, nam diz que morrera, senam que dormia, *dormit*; porem quando diz claramente, que morrera, *mortuus est*, calla entam o nome appellativo de amigo, & sò diz o nome propio de Lazaro, *Lazarus mortuus est.* E qual será a razam? A razam deu o mesmo Christo na palavra, *amicus noster*, nosso amigo; era Lazaro amigo de Christo, & de sua Companhia, (que por isso nam disse: *amicus meus*, meu amigo, senam, *amicus noster*, nosso amigo) E quiz hir dispondo os animos dos de sua companhia, para ouvir as tristes novas da morte de hum tam grande amigo como Lazaro. Callar o nome de amigo, parecia ingratidam; dar de repente a nova com a lembrança do amor, aos de sua companhia; parecia nova intoleravel; pois que remedio? Confessa a amisade, *amicus noster*, & dà a nova da morte, debaixo da metafora de sono, *dormit*, para que assim dispostos os animos dos seus, tivessem animo para ouvir depois a nova clara, *tunc dixit illis manifestè, &c.* Nam foy menor o amor do nosso Pontifice aos da Companhia de Iesus, que foy o amor de Lazaro aos da companhia de Christo. Nòs confessaremos sempre, que assim como elle podia dizer com Ioaõ, *amicus sponsi*, nòs podemos

Ioan. 11.

dizer com Christo, *amicus noster*. Pois quanta razam temos os da cõpanhia de sentimento? Eis aqui as razoens, porque eu disse no principio, que nas exequias do Illustrissimo Senhor Dom Ioam da Madre de Deos, primeiro, & dignissimo Arcebispo desta Diocesi, melhor falava o silencio, que a voz, melhor declamavam as lagrimas, que as palavras.

E entre tantas razoens de sentimento, nam ha tambem algũa razam de alivio? Si, ha duas razoens, que muito nos devem consolar. A primeira pertence à sua gloria; a segunda ao nosso proveito. A sua gloria pertence à conciderasam da morte, que teve tam santa, & tam conforme com a vontade de Deos; porque alem de se confessar geralmẽte, & receber todos os Sacramentos, esteve as ultimas quatro horas da agonia, com os olhos sempre fixos, em huma imagem de Christo crucificado, sem jámais os apartar. Quem pode duvidar da Santidade daquella alma, que como a Alma santa, assim tinha os olhos fixos em seu amado Esposo; ao menos nam tinha muy longe de Deos o coraçam, quem assim teve a Deos tam perto dos olhos? Aquelles Santos Patriarchas, & amigos de Deos antiguamente, todos morriam com os olhos da esperança fixos neste senhor futuro; o nosso Pontifice, quiz morrer com os olhos fixos no mesmo Senhor presente; & se aquelles se salvaram naquella esperança, este porque senam salvaria nesta sẽ.

Cant. 6.

A nosso proveito pertence a consideraçam, de que morto o nosso Arcebispo, nos alcançará de Deos outro de seu mesmo espirito, & de sua mesma condiçam. Moveme a crer isto, a doaçam que poucos dias antes de morrer, fez de todo o seu Pontifical, ao Arcebispo successor; porque podemos crer, que naquelle Pontifical (como Elias na capa a Eliseu) deixou seu espirito a seu successor. Quando ouve de morrer Aram, mandou Deos a Moyses, que lhe despisse o Pontifical, & que o vestisse a Eleazaro seu successor: *Cumque spoliaveris Aaron vestibus suis, indues Eliazarum*; E porque razam hade vestir Eleazaro o Pontifical de seu antecessor? Nam fora melhor fazer outro de novo ajustado à sua escritura? Foy por ventura para que Eleazaro com o Pontifical de Aram vestisse o espirito, & condiçam de Aram; porque considerando Eleazaro, que aquelle Pontifical fora de hum Pontifice tam brando, & tam afavel como Aram, vestisse com o Pontifical a brandura, & affabilidade de Aram seu antecessor, *cumque spoliaveris, &c.* Não acaso, mas com especial providencia de Deos dispoz o nosso Arcebispo a seu successor todo o seu Pontifical, para que lembrado este de quam brando, & quam affavel fora seu antecessor; vista com o Pontifical seu espirito, & sua condiçam, assim como Eleazaro com o Pontifical de Aram, o espirito, & condiçam de Aram.

Num 20.

Estas

Eſtas ſam as razoens, que ſobre as de ſentimento, temos hoje de cõſolaçam. Sò falta lembrar a todos, os obſequios devidos à alma do noſſo Pontifice, o reſpeito a ſeu cadaver, as honras a ſuas cinzas; porque todo o obſequio, toda a honra, toda a adoraçam, que lhe dermos, tudo he devido á ſua peſſoa à ſua dignidade, a ſeus beneficios. Morreo Moyſes por ordem de Deos no Monte Nebo, & morreo Aram, por ordem do meſmo Deos no Monte Hor; foy Moyſes ſepultado por mãos dos Anjos, & foy Aram ſepultado por mãos dos homens; aſſim ſe entende o *ſepelivit eum Dominus* do Texto Sagrado. Se a dignidade de Aram he mais ſagrada, que a de Moyſes, & Aram morreo como Moyſes, por diſpoſiçam de Deos, porque diſpoem Deos, que Moyſes ſeja enterrado por mam de Anjos, & Aram por mãos de homens? Por iſſo meſmo, porque Aram era Pontifice, & Moyſes nam. As honras, os funerais dos que nam ſam Pontifices, corram embora por mãos de Anjos, corram por mãos de quem Deos quizer, que os funerais do que he Pontifice, quer Deos, que corram por conta dos homens, & nam dos Anjos, porque aos homens convem; & nam aos Anjos, honrar as cinzas dos ſeus Pontifices; & toda a honra, & toda adoraçam que ſe dá ao cadaver do Pontifice, toda he juſta, toda he merecida à ſua dignidade. *Deut.* 34. *Num.* 34.

Morto Moyſes, eſcondeulhe Deos ſua ſepultura, de ſorte que ninguem ſoubeſſe aonde eſtava: *non cognovit homo ſepulcrum ejus*; Nam leyo porem, fizeſſe o meſmo à ſepultura de Aram; a razam que dam os Expoſitores Sagrados he, para que o povo nam deſſe ao corpo de Moyſes, mais honra da que ſe lhe devia; nam chegaſſe a darlhe adoraçoens de divino, & idolatraſſe? Pergunto, & no corpo morto, naõ havia o meſmo perigo? Aram, nam era irmam de Moyſes; o irmam de Deos, nam he Deos? Se Deos tivera irmam aſſim como tem Filho, havia o irmam de Deos, ſer Deos, aſſim como o Filho de Deos, he Deos; logo ſe Aram era irmam de Moyſes, como nam ha o meſmo perigo de Aram ſer adorado por Deos, & em Moyſes ſi? A razam he, porque Aram, era Sacerdote Pontifice, & Moyſes nam, & as adoraçoens ao Pontifice Sacerdote, nam ſaõ perigoſas, naõ ſam idolatrias, porq̃ todas lhe ſam devidas Na eſtimaçam de Deos, os Pontifices Sacerdotes tãbem ſam Deoſes nas honras & adoraçoens, poſto que o nam ſejam na ſuſtancia. *Dijs non detrahes*, nam murmureis dos Deoſes, diſſe elle, querendo dizer, que nam murmuraſſem dos Pontifices Sacerdotes; & pois os Pontifices Sacerdotes ſam Deoſes? Nam ſam Deoſes na ſubſtancia, mas ſam Deoſes no reſpeito, & adoraçam, q̃ ſe lhes deve, & toda quanta honra, toda quanta adoraçam ſe lhes fizer, nenhuma he perigoſa *Deut.* 34. *Exod.* 22.

gosa; nenhuma he idolatria, porque toda lhes he devida. Pois eis aqui porque Deos encobre o sepulcro de Moyses,& nam de Aram, porque a adoraçaõ, que o povo desse às cinsas de Moyses, seria idolatria, por ser hõra, que sò a Deos se deve;& a adoraçam, que se desse ás cinzas de Aram, nam seria idolatria, porque toda a honra, toda a adoraçam, he devida às cinzas de hum Pontifice. Naõ he logo demasiada, antes bem merecida toda a honra, toda a adoraçam, que dermos às cinzas do nosso Pontifice, nam sò por Pontifice, mas por Pontifice nosso, taõ benevolo, tam affavel, & tam benemerito.

E jà desta honra, ou desta veneraçam vejo eu grandes prenuncios na nobre, & louvavel acçam do muito R. Cabido, Sedevante, em confirmar por publico edital, todas as disposiçoens de officios, & beneficios, que Sua Illustrissima havia feito em vida. Quando David andava em sua vida, com aquelles santos pensamentos de edificar o Templo de Deos, dispoz, & nomeou todos os officios, & beneficios, assim Sacerdotaes, como Liviticos, q̃ haviam de servir no Templo. Leasse o capitulo 23 atè 26. do Paralipomenon, aonde largamente se relatam? Morreo finalmente David, & Salamam, que lhe succedeo assim no Reyno, como na fabrica do templo, quando ouve de nomear os ministros, que nelle haviam de servir, mandou, que em tudo se guardasse a disposiçam de David, que servissem aquelles mesmos, que David nomeara, & na mesma forma, que David dispozera: *Et constituit juxta dispositionem David officia Sacerdotum in ministerijs suis, & Levitas ordine suo: & jantores in divisionibus suis*; emfim mandou que tudo ficasse, como El-Rey David tinha em vida disposto. E pois Salamam, a quem Deos dotou de tanta sabedoria, nam teria prudencia para fazer outras disposiçoẽs ainda mais acertadas? Sim faria, mas devia Salamam esse respeito a seu anteceslor, devia esse amor, a seu pay David, que ficassem esses officios, & esses beneficios de sorte, que elle em vida dispozera; & nisso mostrou Salamam, nam sò sua prudencia, mas o conceito grande, que tinha de seu pay. E nam he o mesmo em termos, o que fez o muito R. Cabido Sedevacante no publico edital.

Par. 23.

2. Par. 8.

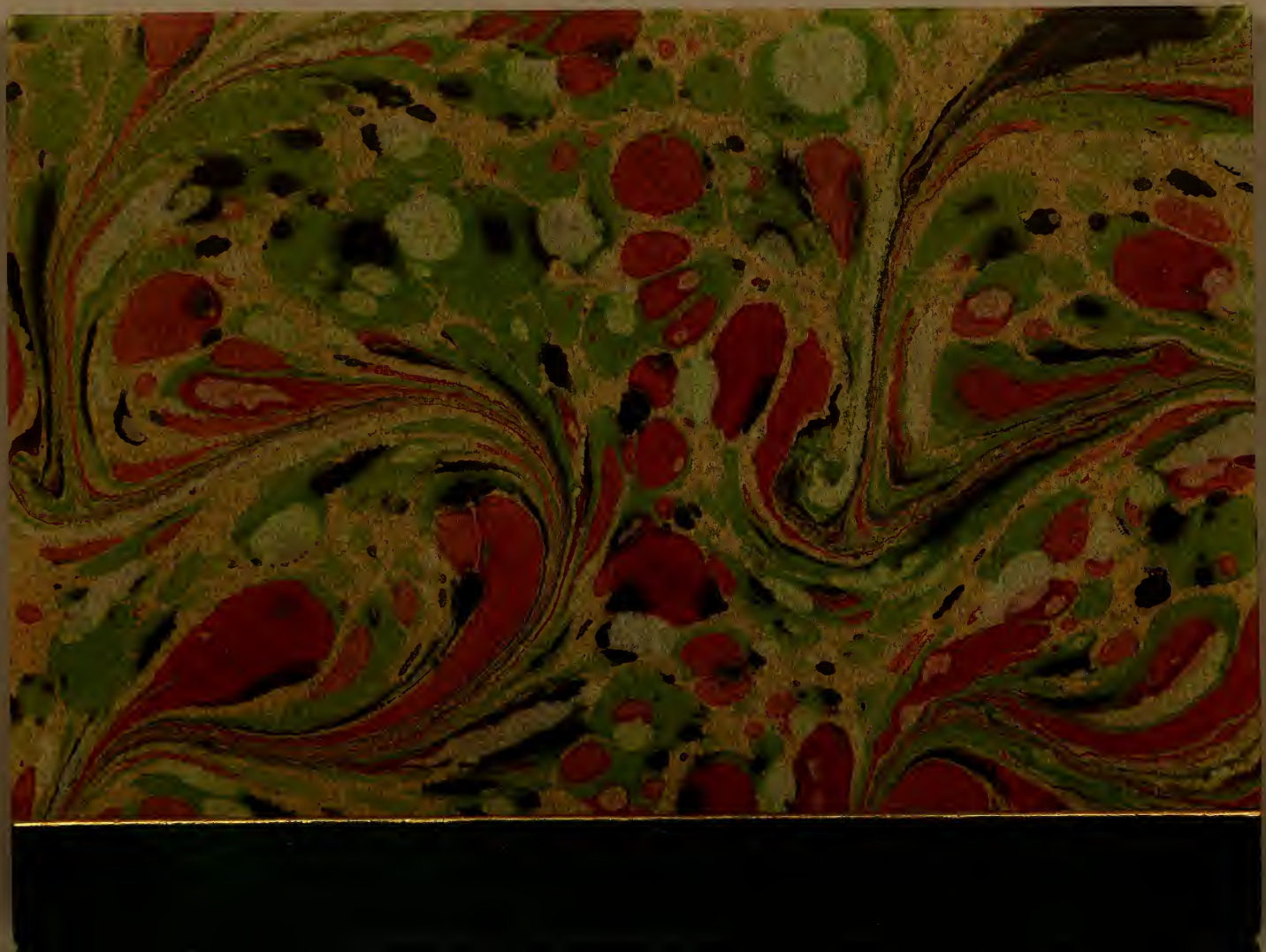
E acrecenta esta cortezia considerar, que o Cabido Sedevacante, como succede na jnrisdiçam, & poder mesmo do Pontifice defunto, podia justa, & licitamente dispor outra cousa, se assim parecesse bem; mas julgando por boas as disposiçoens do Pontifice defunto, encarece sua cortezia, quanto se pode encarecer. A Salamam, nam sò como a Rey, que era, mas como a Padroeiro, competia a nomeaçam de todos os officios, & beneficios dos que houvessem de servir no templo, com tudo nam quiz senam estar pellas disposiçoens de El-Rey morto. E pois se

em

em Salamam estava o poder, porque nam dispoem de outra sorte as cousas? A Escritura o diz: *Sic enim præceperat David homo Dei*, tinhao mandado assim David, que foy hum homem de Deos. E pois pello haver mandado David, nam podia Salamam mandar outra cousa, pois tinha o mesmo poder? Sim podia, mas nisso esteve o excesso do amor, respeito, cortezia, & do conceito que Salamam tinha de David; mandou o assim David, que foy hum homem de Deos, *homo Dei*? Pois isso se guarde. Ahi esteve o excesso de cortezia do nosso muito R. Cabido, que tendo poder para destazer todas as disposiçoens, que o Pontifice morto fizera em vida, quiz estar por todas, só porque assim o avia mãdado hum Prelado tam Religioso, & tam servo de Deos, *sic enim præceperat David homo Dei*. *Ibid.*

E vòs ò alma ditosa, se estais já em lugar de paz, como esperamos na Misericordia divina, como nos promete vida tam Religiosa, como nos assegura tam santa morte; já lograis a cella, que suspirais com muito maior ventagem do que cuidaveis; se o Rey da Gloria, como confio, vos meteo dentro daquella cella vinaria, que he a Gloria, aonde ordena a seus amigos, a caridade de seu infinito amor. E se assim he, quam boa troca foi a do Bispado da terra, pello reynado do Ceo? Quã boa a troca do Bago, pello cetro, da mitra pella coroa! O que importa he fazer agora là no Ceo, o officio de Avogado, que câ tinhais na terra; porque segundo S. Paulo, o officio de Pontifice, & o officio de Avogado sam o mesmo officio. Fazei com Deos Nosso Senhor, que nos livre destas infirmidades, que nos matam, porque nam sois vos Pontifice, que nam vos saibais compadecer de nossas infirmidades, *non habemus Pontificem, qui non possit compati infirmitatibus nostris*, porque tãbem como nòs as padecestes, & tambem como nòs, dellas morrestes, *tentatum autem per omnia*. Sobre tudo vos pedimos, nos alcanceis de Deos hum Pontifice manso, & humilde de coraçam como vòs, porque este he o Pontifice mais semelhante a Christo, que he a regra de toda a perfeiçam, o qual nos encaminhe pellos caminhos da graça, para os prados da gloria, *ad quam nos perducat, &c.* *Cant. 2.* *Heb. 4.*

F I M.

70-151
R 4D
Nov. '69

CA686
G482s